

# Mulher 24 HORAS

Informativo do Sindicato dos Bancários/ES - Presidente: Carlos Pereira de Araújo - Diretor de Imprensa: Idelmar Casagrande  
Editora: Sueli de Freitas MTb 537/92 - Diagramação: Jorge Luiz - MTb 041/96 - n° 74 - Abril/2005 - E-mail: mulher24horas@bancarios-es.org.br



## Eu Creio

Creio nos valores humanos  
e sou a mulher da terra.

Creio na força do trabalho  
como elos e trança do  
progresso.

Acredito numa energia imanente  
que virá um dia ligar a família  
humana  
numa corrente de fraternidade  
universal.

Creio na salvação dos  
abandonados

e na regeneração dos  
encarcerados,  
pela exaltação e dignidade do  
trabalho.

Acredito nos jovens  
à procura de caminhos novos  
abrindo espaços largos na vida.  
Creio na superação das incertezas  
deste fim de século.

---

(**Cora Coralina**)

## Editorial

### 1º de Maio

A luta pela redução da jornada de trabalho motivou a criação do 1º de Maio como um dia de luta da classe operária. Em 1891, a Internacional Socialista decretou o 1º de Maio como o Dia Internacional dos Trabalhadores. Nos anos seguintes, movimentos em defesa das 8 horas começaram a surgir no Brasil, assim como foi intensificada a divulgação da data.

Em 1924, numa tentativa de mudar o caráter de luta do 1º de Maio, o governo brasileiro decretou feriado nacional nesse dia, em “glorificação do trabalho ordeiro”. No Governo Getúlio Vargas, para conter o movimento dos trabalhadores que crescia em todo o mundo, algumas reivindicações foram conquistadas, como as 8 horas de trabalho, o salário mínimo e a CLT. Com seu perfil populista, Getúlio passou a comemorar o 1º de Maio junto aos trabalhadores.

Depois veio a ditadura e a resistência. Em 1968, trabalhadores contestaram as comemorações oficiais em São Paulo, numa tentativa de retomada do 1º de Maio pela classe trabalhadora. No início dos anos 80, nasceu a CUT, lutando pela liberdade e autonomia dos trabalhadores.

É esse espírito de luta e resistência da classe trabalhadora que deve prevalecer na atualidade, independente de governos e partidos. É preciso reafirmar as nossas lutas pelo fim da opressão de classe, pela igualdade de oportunidades entre os sexos, pelos direitos trabalhistas e pela livre organização dos trabalhadores. Essas lutas estão na ordem do dia. O 1º de Maio de 2005 tem que ser nosso!



Fotos: Sérgio Cardoso

Ângela: quebra-cabeça para relaxar após sair do trabalho

## Bancários e bancárias adotam estratégias para não adoecer

*A organização do trabalho no mundo capitalista favorece o adoecimento dos trabalhadores. É a pressão por produção, a padronização de procedimentos, a limitação da criatividade e do lúdico no ambiente de trabalho. Essa é a regra geral, mas há exceções. Muitos trabalhadores e trabalhadoras conseguem escapar ilesos, ou menos afetados, desse padrão imposto pela reestruturação produtiva na atualidade. E para isso adotam estratégias coletivas e individuais.*

**N**o Núcleo de Apoio aos Negócios de Créditos do Banco do Brasil (NUCAC) a solidariedade e o companheirismo entre os colegas tomam o ambiente de trabalho mais leve e agradável. Quem atesta é a bancária Antônia Presciliana Guedes de Souza, 56 anos, que, depois de dezenove anos de trabalho em agência, está no NUCAC desde 2002. “Somos um grupo pequeno; vinte e quatro pessoas que estão juntas por 8 horas todos os dias. Como não temos contato com clientes, com ambiente externo, estamos com nossa capacidade toda voltada para o trabalho. E aqui todos se ajudam. Se há um problema na operação, o outro pode parar para ajudar o colega”, afirma ela. O grupo é tido como festeiro pelos colegas de banco. Esses bancários almoçam juntos e até param para fazer um lanche na “hora do recreio”. “Até na greve ficamos juntos em piquetes em outras unidades”, conta Antônia, ressaltando a unidade do grupo que participou em peso da paralisação na Cam-

panha Salarial 2004.

Essa unidade garante o respeito das chefias pelos funcionários, que conseguem ter maior controle sobre as atividades que desenvolvem no decorrer do dia. Segundo Antônia, há diálogo e um bom relacionamento com as chefias imediatas.

Apesar da orientação geral do banco sobre a organização padronizada do ambiente, sob o argumento de facilitar o trabalho, algumas permissões, como colocar uma pequena planta sobre a mesa, garantem a humanização do local.



Antônia: “Aqui todos se ajudam... Até na greve ficamos juntos”

### AÇÕES COLETIVAS SÃO FORMAS DE RESISTÊNCIA

Ao coletivizar as questões que surgem no ambiente de trabalho e buscar conjuntamente soluções, os bancários vão driblando os problemas e resistindo à forma de organização do trabalho que adocece. A psicóloga e assessora da Secretaria de Saúde do Sindicato, Ana Paula Lopes, cita, entre os mecanismos de resistência coletiva, a solidariedade entre os colegas, a inclusão das questões sobre saúde nas reivindicações

da categoria, a participação em grupos de qualidade de vida promovidos pelo Sindicato, entre outras ações.

Segundo Ana Paula, as estratégias individuais também têm seu espaço, mas não dão conta de resolver os problemas gerados pela organização do trabalho nos bancos, apenas “minimizam o sofrimento”. Ela lembra que é preciso resgatar “o trabalhador como sujeito da ação”.

# Dora: militante de volta às raízes

Sérgio Cardoso

*Dora Bragato, 49 anos, diretora do Sindicato, fala nesta entrevista sobre trabalho, saúde, militância e volta às raízes. Ela, que saiu de Venda Nova do Imigrante com destino a Vitória, deixou aqui sua marca e agora exerce seu papel de cidadã na sua cidade de origem.*

## Qual o significado do trabalho na sua vida?

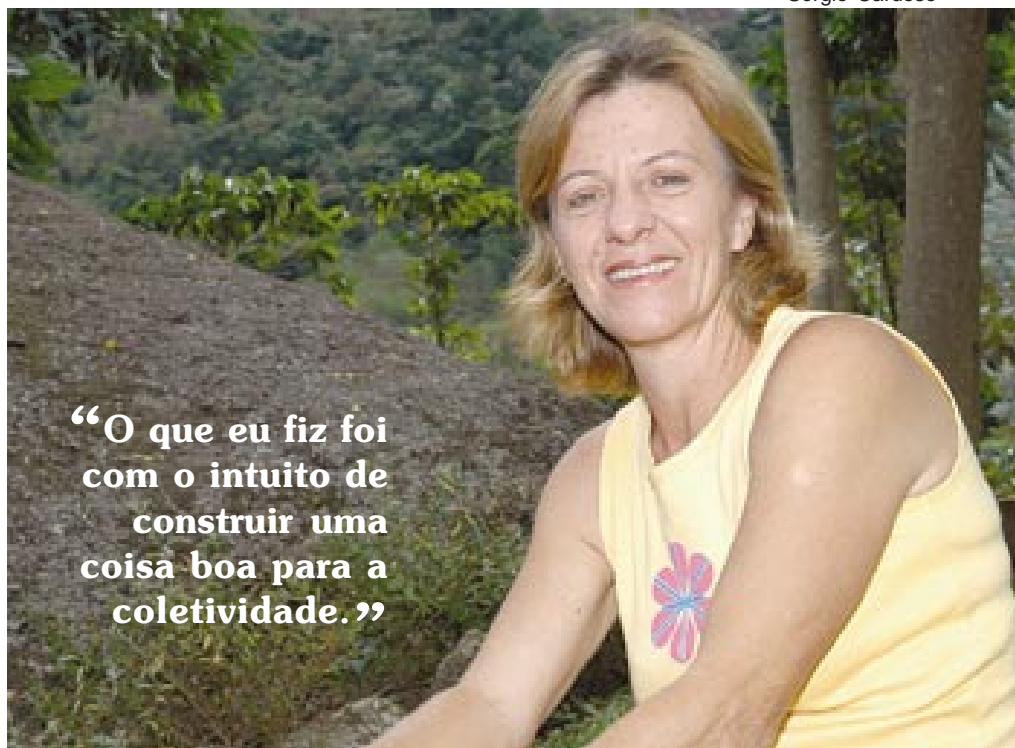
Eu penso que sem trabalho as pessoas não vão a lugar nenhum. Não é apenas pela questão financeira, mas no sentido da realização pessoal.

## Esse trabalho que enobrece, da forma como é organizado também adoce. Você foi vítima disso. Que lição ficou para você?

Eu fiquei no Sindicato por 15 anos. Em 2000 voltei para o banco, fui trabalhar em Viana e depois em Pedra Azul, direto no caixa. Depois de seis meses de trabalho no caixa comecei a sentir dor no braço esquerdo, com o tempo fui sentindo no direito. Não tive o reconhecimento de LER. Como não consegui me aposentar, eu sai antecipadamente do banco e paguei a Previdência até fevereiro. Agora eu pedi a minha aposentadoria. Eu penso que as empresas, de um modo geral, precisam olhar mais para o lado humano. Eu acho que o banco se modernizou e olha muito para essa questão da competitividade de mercado. Deveria também modernizar as relações de trabalho. Apesar do trabalho desenvolvido pelos colegas do banco que atuam no setor de serviço social, que eu considero bom, quando chega na agência não flui porque você está ali para cumprir uma tarefa, atender o cliente. A coisa é boa na teoria, mas na prática não consegue funcionar, apesar de ter gente no banco se esforçando para isso e de todo o trabalho do Sindicato nessa área. No posto do Banestes de Brejetuba, por exemplo, só há uma funcionária e dois estagiários. Ela é gerente, é caixa, é atendente. Como uma pessoa dessa consegue ter um momento de relaxamento?

## Qual a importância do Sindicato na sua vida?

O Sindicato foi uma escola pra mim. Pra falar a verdade, eu poderia ter tido uma vida financeira muito mais tranqüila, mas a mili-



“O que eu fiz foi com o intuito de construir uma coisa boa para a coletividade.”

tância foi uma opção de vida da qual eu não me arrependo, porque me considero uma pessoa bastante cidadã.

## Como é estar na condição de aposentada?

Eu precisava sair do banco, pois estava piorando minha saúde. O fato de eu entrar em licença médica me fazia sentir culpa, porque as pessoas estavam lá trabalhando. Então por esse lado a saída definitiva foi boa. Eu nunca abandonei minha militância apesar de não estar dentro do Sindicato. Hoje (dia 6 de abril) estou feliz da vida porque percorri com o pessoal do Sindicato as agências do Banestes da região. E eu já fui da Associação de Mulheres da nossa comunidade, atualmente sou presidente da Associação Pró-Melhoramento de São João de Viçosa, distrito de Venda Nova. Sou voluntária de um projeto da Associação com crianças carentes. Também gosto de cozinhar, de arrumar a casa e esperar meu marido, Ronaldo, chegar de Vitória às sextas-feiras. Estou muito feliz aqui.

## Por que você decidiu voltar à sua cidade de origem? O contato com a natureza tem um sentido especial?

Depois que eu voltei é que descobri que tinha tudo a ver comigo. Foi muito bom porque tem seis anos que me mudei para cá e minha mãe faleceu há seis meses. Então esses últimos cinco anos da vida dela eu acompanhei muito de perto. A outra coisa que eu

conversei muito com o pessoal do Sindicato e acabou sendo bom foi que eu vim para uma região que não tinha ninguém da entidade. Foi uma pena que depois eu perdi a minha liberação para o trabalho sindical, mas, na medida do possível, a gente continuou visitando os bancários. E outra coisa que pesou foi a vontade de criar meu filho, Bernardo (hoje com 8 anos), aqui na roça, perto da vovó e do vovô. Foi muito bom vê-lo subindo nas árvores, com aquelas unhas encardidas, tendo liberdade.

## Como você resumiria sua trajetória de vida?

Ufa! Você vai me fazer chorar... Quando saí daqui era uma pessoa tão boba, tão tímida! A primeira vez que subi num palanque para falar foi numa greve dos bancários. Foi minha revelação. Quando me vi fazendo aquilo eu mesma não acreditei. Eu devo muito a Brice (deputada Brice Bragato, irmã de Dora) – inclusive sempre quis ter a oportunidade de fazer um agradecimento público a ela –, pois se não fosse pelo esforço dela eu não teria ido para Vitória. Foi bom porque fui, fiz faculdade, entrei na militância. A minha origem, a criação que meus pais me deram, os valores de honestidade e solidariedade me fizeram ir, ser militante, voltar e continuar fazendo um trabalho aqui na comunidade. O que eu fiz foi por vontade e com o intuito de construir uma coisa boa para a coletividade.

# Reformas Sindical e Trabalhista e os direitos das mulheres

Lujan Miranda – diretora da CUT Nacional

**A** Constituição Brasileira em seu art. 5º afirma: “todos são iguais perante a lei...”. E o inciso I deste artigo diz textualmente que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações, nos termos desta Constituição”. Apesar das determinações legais, sabemos, pela realidade cotidiana das mulheres, em especial das mulheres negras, que esta igualdade, de um modo geral, na prática não existe. A vida, a liberdade e a igualdade são cotidianamente desrespeitadas. E as mulheres, as crianças e as pessoas idosas são as maiores vítimas.

Apesar dessa realidade, como fruto do ascenso dos movimentos sociais, em especial da luta histórica das mulheres brasileiras, temos uma Constituição que do ponto de vista dos direitos das mulheres está entre as mais avançadas do mundo. Também, em relação à participação da mulher no movimento sindical os avanços e conquistas são muito importantes.

Na luta geral e nas lutas específicas, a participação da mulher contribuiu de forma decisiva para a constitucionalização dos direitos à educação, à saúde, ao salário mínimo, ao 13º salário e tantos outros.

Com a reforma Sindical – e a Trabalhista, por consequência – do Governo Lula, todas essas conquistas

da classe trabalhadora brasileira, em especial das mulheres, correm sérios riscos! Passando esta reforma, mais uma vez, as mulheres serão as maiores prejudicadas, pois um movimento sindical ainda mais dividido e atrelado ao Estado, bem como a perda de direitos trabalhistas e sociais, imporão maiores perdas para as mulheres no movimento sindical, no trabalho e na



vida. Por que afirmamos isso?

A Proposta de Emenda Constitucional e o Projeto de Lei que tratam da reforma sindical têm como objetivo, dentre outros, abrir a possibilidade de cassação dos direitos trabalhistas e sociais, com a implementação, na prática, de que o negociado prevaleça sobre o legislado. De acordo com o pro-

jeto, o contrato coletivo de trabalho é o negócio jurídico por meio do qual se estabelecem condições de trabalho e relações obrigacionais entre as entidades sindicais, os empregadores e as representações dos trabalhadores nos locais de trabalho. E em nenhuma parte do projeto se afirma que os direitos mínimos assegurados legalmente não poderão ser reduzidos através da livre negociação. Com a reforma, no máximo, os direitos trabalhistas e sociais ficarão à mercê dos Tribunais Superiores. As decisões destes, como sabemos, são políticas e levam em conta os interesses do governo de plantão, especialmente no tocante às políticas econômicas.

Outro objetivo da reforma é transformar o caráter da organização sindical, colocando o pacto ou diálogo social entre capital e trabalho como um objetivo a ser perseguido pelo Estado e implementado pela organização sindical. E a história já demonstrou que os pactos sociais, além de criarem a ilusão de que tudo se resolve na mesa de negociação, sem mobilização e pressão da base, refreando o movimento, só têm servido para impor derrotas e cassação de direitos à classe trabalhadora.

Por essas e outras razões devemos não só nos posicionar contra essa Reforma Sindical, mas denunciar os seus reais objetivos e lutar contra ela.

**Mulher  
CULT.**

O livro *Nove Partes do Desejo - O Mundo Secreto das Mulheres Islâmicas* foi escrito pela jornalista australiana Geraldine Brooks, que foi correspondente do Wall

Street Journal no Oriente Médio. O livro entra no complexo mundo do islamismo, desvendando o que está por trás dos costumes, das tradições e dos preceitos religiosos. A obra foi traduzida pela editora Gryphus.



**Mulheres  
antenas**



Envie suas sugestões, poesias e comentários para o

**Mulher24Horas** pelo e-mail [mulher24horas@bancarios-es.org.br](mailto:mulher24horas@bancarios-es.org.br) ou pelo telefone

3223-1477 - ramal 220

End: rua Wilson Freitas, 93, Centro, Vitória/ES - CEP 29016-340